



PROCESSO SELETIVO SIMPLIFICADO

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO - SEMEC

2017



Universidade
Estadual do Piauí

PROVA ESCRITA OBJETIVA – TIPO 02

CARGO: Professor dos anos finais do Ensino Fundamental – 6º ao 9º ano –
Língua Portuguesa

DATA: 25/06/2017 – **HORÁRIO:** 9h às 12h (horário do Piauí)

LEIA AS INSTRUÇÕES:

01. Você deve receber do fiscal o seguinte material:
 - a) Este caderno com 40 questões objetivas sem falha ou repetição.
 - b) Um CARTÃO-RESPOSTA destinado às respostas objetivas da prova.

OBS: Para realizar sua prova, use apenas o material supramencionado e, em hipótese alguma, papéis para rascunhos.
02. Verifique se este material está completo e se seus dados pessoais conferem com aqueles constantes do CARTÃO-RESPOSTA.
03. Após a conferência, você deverá assinar seu nome completo, no espaço apropriado do CARTÃO-RESPOSTA, utilizando caneta esferográfica com tinta de cor azul ou preta.
04. Escreva o seu nome nos espaços indicados na capa deste CADERNO DE QUESTÕES, observando as condições para tal (assinatura e letra de forma), bem como o preenchimento do campo reservado à informação de seu número de inscrição.
05. No CARTÃO-RESPOSTA, a marcação das letras correspondentes às respostas de sua opção deve ser feita com o preenchimento de todo o espaço do campo reservado para tal fim.
06. Tenha muito cuidado com o CARTÃO-RESPOSTA, para não dobrar, amassar ou manchar, pois este é personalizado e em hipótese alguma poderá ser substituído.
07. Para cada uma das questões são apresentadas cinco alternativas classificadas com as letras (A), (B), (C), (D) e (E); assinale apenas uma alternativa para cada questão, pois somente uma responde adequadamente ao quesito proposto. A marcação em mais de uma alternativa anula a questão, **mesmo que uma das respostas esteja correta**; também serão nulas as marcações rasuradas.
08. As questões são identificadas pelo número que fica à esquerda de seu enunciado.
09. Os fiscais não estão autorizados a emitir opinião nem a prestar esclarecimentos sobre o conteúdo das provas. Cabe única e exclusivamente ao candidato interpretar e decidir a este respeito.
10. Reserve os 30 (trinta) minutos finais para marcar seu CARTÃO-RESPOSTA. Os rascunhos e as marcações assinaladas no CADERNO DE QUESTÕES não serão levados em conta.
11. Quando terminar sua Prova, antes de sair da sala, assine a LISTA DE FREQUÊNCIA, entregue ao Fiscal o CADERNO DE QUESTÕES e o CARTÃO-RESPOSTA, que deverão conter sua assinatura.
12. O tempo de duração para esta prova é de **3 (três) horas**.
13. Por motivos de segurança, você somente poderá ausentar-se definitivamente da sala de prova depois de **1h e 30min** do início desta.
14. O rascunho ao lado não tem validade definitiva como marcação do Cartão-Resposta, destina-se apenas à conferência do gabarito por parte do candidato.

Nº DE INSCRIÇÃO

--	--	--	--	--	--	--

Assinatura

Nome do Candidato (letra de forma)

RASCUNHO

01		21	
02		22	
03		23	
04		24	
05		25	
06		26	
07		27	
08		28	
09		29	
10		30	
11		31	
12		32	
13		33	
14		34	
15		35	
16		36	
17		37	
18		38	
19		39	
20		40	

PROCESSO SELETIVO SIMPLIFICADO – SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – SEMEC – 2017
FOLHA DE ANOTAÇÃO DO GABARITO - ATENÇÃO: Esta parte somente deverá ser destacada pelo fiscal da sala, após o término da prova.
NÚCLEO DE CONCURSOS E PROMOÇÃO DE EVENTOS – NUCEPE

Nº DE INSCRIÇÃO

--	--	--	--	--	--	--

LÍNGUA PORTUGUESA

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA: IMPRESSÕES DE VIAGEM

Denise Brasil A. Aguiar (Professora da Faculdade de Educação – UFF) (Instituto de Aplicação da UERJ)

É comum assistirmos, nos diversos meios de comunicação, à divulgação um tanto espetacular da insuficiência do desempenho de nossos estudantes na escrita e na leitura, terrenos reconhecidos como eixos do trabalho escolar, seja na percepção do senso comum, ligado às diversas experiências sociais, seja nas aferições nacionais e internacionais. A par de dificuldades gerais da educação, é preciso discutir as opções teóricas e metodológicas que os professores têm feito (ou permitido que se façam em seu lugar) como elementos que se combinam e realimentam, na construção da flagrante precariedade no cumprimento de objetivos que parecem básicos para o ensino da língua. **E principalmente considerando o foco proposto refletir acerca de nossas possibilidades de intervenção ainda nos espaços de formação docente sobre essa realidade.** Preliminarmente, é preciso escutar as vozes que atravessam as nossas salas de aula, de estudantes que estão cursando a licenciatura em Letras e que nos dizem sempre algo de sua formação. Do conjunto de suas queixas e convicções saltam tanto uma percepção de despreparo para a descrição mais sistemática da língua, quanto uma dificuldade em articular as conquistas da Linguística à sua própria reflexão e práxis docente. O receio de enfrentar temas de aula que exijam o manejo de conceitos estabelecidos seja pela gramática tradicional, seja pelas propostas de descrição alternativas, é flagrante e parece refletir o sentimento de que a graduação não lhes foi suficiente. Aliado a isso – e diria até que de modo bastante combinado com esse primeiro elemento – a reprodução de um discurso que desvaloriza a Linguística como ciência, em uma comparação indevida com a gramática, esta, sim, tomada como fonte bibliográfica ou normativa e, pior ainda, como conhecimento “neuro”, desvinculado das relações sociais de poder em que se constituiu. Se, para a sensação de despreparo, concorrem fatores diversos, dentre tais o sucateamento de nossas graduações (seja pela falta generalizada de investimento, seja por uma política de valorização da pós-graduação em detrimento da formação básica na graduação), para a superação do segundo problema, contudo, podem-se apontar, ainda que em forma de sondagem e especulação, alguns encaminhamentos que estariam a nosso alcance mais imediato. São evidentemente possibilidades pontuais, que quase nenhum efeito terão, se não forem combinadas com uma reflexão mais aprofundada sobre o contexto social e cultural em que se inserem. De fato, a recorrência das narrativas dos licenciandos acerca do hiato entre a Língua Portuguesa como domínio específico e a Linguística como domínio mais geral mostra o que parece uma esquizofrenia típica da área. Falas como “Para o linguista pode tudo, tudo está certo ou é aceitável” sugerem que, embora a inserção da Linguística como disciplina seja antiga nos currículos de Letras, ainda se verifica uma resistência ao (necessário) entrecruzamento desses domínios – do pesquisador da linguagem e do professor de língua. Mais do que isso, pressupõe uma contraposição óbvia, em se considerando o enunciador, futuro professor de Língua Portuguesa: a ideia de que caberia ao professor da língua propriamente a preservação da unidade e correção do idioma. Para essa concepção concorrem vários fatores, talvez mais acentuadamente a flagrante permanência de um ideal de norma culta – contraposta às reflexões sobre a variabilidade –, correlata ao preconceito linguístico de que tanto nos falam autores como Marcos Bagno. Não é preciso dizer o quanto o preconceito é prejudicial à reflexão acadêmica e ao enfrentamento de problemas que se constituem como objeto de ação profissional. Pior ainda: manifestação, na superfície, do preconceito linguístico sugere uma internalização das estruturas sociais engendradas na lógica do capital como irremediáveis, como também naturais, o que esvazia, mais do que a perspectiva do professor de língua materna, o papel do professor em si mesmo. No espaço de formação do Instituto de Aplicação da UERJ – lugar no qual podemos observar bem de perto algumas das demandas, e também das distorções, que acompanham a consciência de futuros professores –, multiplicam-se as ocorrências que se constituem efetivamente como amostragens desse prejuízo, seja em forma de diagnósticos equivocados, seja pela insistência em abordagens tradicionais e contraditórias das estruturas da língua. Recentemente, uma licencianda, estagiária, procurou-me perplexa, dizendo que o estudante de 8º ano do ensino fundamental “trocava o verbo pela conjunção”. Tratava-se da forma “e” no lugar da acentuada “é”, identificada na leitura de um texto produzido em sala pelo estudante. Falta de conhecimento das estruturas da língua dominadas por qualquer falante do português (ninguém, em sã consciência, diria “João é Maria saíram hoje”); falta de percepção de que o sistema ortográfico pertence à língua escrita e que seu domínio é progressivo; falta de conhecimento de que a ortografia é arbitrada em convenções que se alteram com o tempo (veja-se a recente reforma ortográfica) e se inscrevem no conjunto das relações sociais de poder; falta de sensibilidade para

os fenômenos da aprendizagem; enfim, despreparo seja para entender fenômenos relativos à linguagem e à sociedade, seja para enfrentar questões mais imediatas do ensino. Não se trata aqui, é claro, de julgar a licencianda, mas de entender o alcance do fenômeno que se manifestou por meio desse exemplo (acompanhado, no cotidiano, de muitos outros semelhantes). A interferência do preconceito, evidenciada no exemplo, é fruto não só da pouca assimilação dos estudos da linguagem, como também da legitimação “natural” de valores dominantes. Essa atitude não pode ser atribuída a um desvio pessoal; ela representa, na verdade, uma das faces visíveis de uma ação docente historicamente situada, tal como descreve por João Wanderley Geraldi, em *Portos de Passagem* (1997). Segundo o autor, na configuração moderna do professor como categoria profissional, diferente de outros momentos em que o sábio era também o mestre, o trabalho docente carrega o signo da desatualização: (...) o professor se constituirá socialmente como um sujeito que domina um certo saber, isto é, o produto do trabalho científico, a que tem acesso em sua formação sem se tornar ele próprio um produtor de conhecimentos. Este „eixo” coloca de imediato uma questão a este novo profissional: estar sempre a par das últimas descobertas da ciência em sua especialidade. Ironicamente, isto sempre significa estar desatualizado, pois não convivendo com a pesquisa e com os pesquisadores e tampouco sendo responsável pela produção do que vai ensinar, o professor (e sua escola) está sempre um passo aquém da atualidade. No entanto, sua competência se medirá pelo seu acompanhamento e atualização. Neste sentido, o trabalho do professor emerge como categoria sob o signo da desatualização. (GERALDI, 1997, p.88) Tal processo de esgarçamento dos vínculos entre a produção do saber e sua reprodução nas salas de aula é identificado ainda por Geraldi como uma “fetichização” do trabalho docente e está diretamente relacionado à construção da modernidade capitalista. Não se trata, portanto, de algo que se possa facilmente superar, em especial em um momento histórico que proclama o fim das utopias e a onipotência do deus-mercado. Entretanto, podemos ensaiar algumas reflexões que, pelo menos, orientem o professor em formação, seja para a consciência acerca do problema, seja para iniciativas que ofereçam alguma forma de resistência, que se direcionem para uma lógica diversa.

Revista Querubim – revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais – Ano 08 – setembro/2012 ISSN 1809-3264 1 FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA: IMPRESSÕES DE VIAGEM Denise Brasil A. Aguiar (Professora da Faculdade de Educação – UFF) (Instituto de Aplicação da UERJ)

QUESTÃO 01

De acordo com o texto **FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA: IMPRESSÕES DE VIAGEM**, quando diz: “Preliminarmente, é preciso escutar as vozes que atravessam as nossas salas de aula, de estudantes que estão cursando a licenciatura em Letras e que nos dizem sempre algo de sua formação”. Essas vozes referem-se:

- a) A deficiência formativa dos estudantes de Letras em relação à Linguística.
- b) A falta de manejo com a gramática devido à péssima formação nos cursos de Letras.
- c) A elevada complexidade da língua que dificulta qualquer tentativa de sistematização.
- d) A valorização da Linguística em detrimento da gramática.
- e) “Para a linguística pode tudo, tudo é certo ou aceitável”.

QUESTÃO 02

No trecho “E principalmente considerando o foco proposto refletir acerca de nossas possibilidades de intervenção ainda nos espaços de formação docente sobre essa realidade”, a adequada sequência de pontuação seria:

- a) Vírgula, dois-pontos, vírgula, travessão, vírgula.
- b) Travessão, travessão, dois-pontos, vírgula, vírgula.
- c) Vírgula, vírgula, vírgula, vírgula, vírgula.
- d) Vírgula, travessão, travessão, dois-pontos, vírgula.
- e) Travessão, vírgula, vírgula, travessão, dois-pontos.

QUESTÃO 03

“A interferência do preconceito, evidenciada no exemplo, é fruto não só da pouca assimilação dos estudos da linguagem, como também da legitimação “natural” de valores dominantes”, a expressão destacada expressa o sentido:

- a) Histórico.
- b) De oposição.
- c) De preconceito.
- d) Da natureza.
- e) De conformismo.

QUESTÃO 04

“(…) tal como descreve por João Wanderley Geraldi, em *Portos de Passagem* (1997). Segundo o autor, na configuração moderna do professor como categoria profissional, diferente de outros momentos em que o sábio era também o mestre, o trabalho docente carrega o signo da desatualização: (…).” De acordo com o texto o uso da expressão “signo da desatualização”, significa:

- a) O professor sempre estar a par das novidades.
- b) Na convivência com a pesquisa e com pesquisadores o docente estará atualizado.
- c) Já é algo inerente ao trabalho docente ser atrasado.
- d) A competência docente será medida pelo seu acompanhamento e atualização.
- e) O professor estará sempre desatualizado.

QUESTÃO 05

Indique a alternativa que preencha adequadamente os espaços nas orações:

- I. _____ o interesse pela educação para ficares atualizado.
- II. Se nos _____ a fazer o melhor para educação, finalmente, chegaremos a um melhor desenvolvimento social do país.
- III. Não havia nada que _____ o grupo de discentes durante a realização da pesquisa.
 - a) Mantenha – propusermos – entretivesse.
 - b) Mantém – propusermos – entretivesse.
 - c) Mantenha – propormos – entretesse.
 - d) Mantém – propormos – entretesse.
 - e) Mantém – propusermos – entretesse.

QUESTÃO 06

Com base nas regras do plural dos substantivos compostos, assinale a alternativa **INCORRETA**.

- a) amores-perfeitos, altos-falantes, guarda-roupas.
- b) bombas-relógios, gentis-homens, palavras-chave.
- c) os bem-te-vis, reco-recos, alto-falantes.
- d) águas-de-colônia, quintas-feiras, couves-flores.
- e) palavras-chaves, couves-flor, amores-perfeitos.

QUESTÃO 07

Irândé Antunes em *Lutar com Palavras: coesão e coerência* nos diz que “Merece cuidado, portanto, a recomendação abusivamente generalizada de *não repetir palavras*, como merece atenção ainda a observação muito simplista de que a repetição de palavras é indício de pobreza vocabular. Ou seja, a repetição não é aquele ponto negativo, aquela mancha evitável acima de tudo, capaz de deixar os textos em condições de baixa qualidade”. Sendo assim, a coesão é aceitável por promover a construção de uma ideia em:

- a) A mudança mudará completamente as ações educacionais de agora em diante.
- b) A Educação levará o nosso estado a um estado natural de desenvolvimento.
- c) Tais questionamentos nos permitiram questionar a validade da avaliação.
- d) Essa fase constitui uma fase complicada na formação docente.
- e) Ao sair da sala, apague a luz da sala.

QUESTÃO 08

Sobre a coesão pela conexão, diz-nos Irandé Antunes:

Por *conexão* queremos referir aqui o recurso coesivo que se opera pelo uso de conectores, o qual desempenha a função de promover a *sequencialização de diferentes porções do texto*.

De certa forma, todo recurso coesivo promove a sequencialização do texto. Por isso mesmo é que ele é *coesivo*. Conclui-se a conexão se diferencia dos demais por envolver um tipo específico de ligação: aquela efetuada em pontos bem determinados do texto (entre orações e períodos, sobretudo) e sob determinações sintáticas mais rígidas. Por exemplo, enquanto o nexos por repetição pode formar-se por palavras que estão em quaisquer pontos do texto – como no primeiro e no último parágrafo – e fora de qualquer limite sintático, a conexão só acontece em determinados pontos e na dependência de certas condições sintáticas.

Diante do texto expresso há uma inadequação que quebra a coesão. Em qual sentença isso ocorre?

- Por *conexão* queremos referir aqui o recurso coesivo que se opera pelo uso de conectores (...).
- (...) o qual desempenha a função de promover a *sequencialização de diferentes porções do texto*.
- De certa forma, todo recurso coesivo promove a sequencialização do texto. Por isso mesmo é que ele é *coesivo*.
- Por exemplo, enquanto o nexos por repetição pode formar-se por palavras que estão em quaisquer pontos do texto – como no primeiro e no último parágrafo – e fora de qualquer limite sintático, a conexão só acontece em determinados pontos e na dependência de certas condições sintáticas.
- Conclui-se a conexão se diferencia dos demais por envolver um tipo específico de ligação: aquela efetuada em pontos bem determinados do texto (entre orações e períodos, sobretudo) e sob determinações sintáticas mais rígidas.

O uso da linguagem equivocada enriquece a linguagem erudita

Por Raimundo Carrero

Venho tentando, desde que comecei a escrever aqui, examinar a prosa de ficção parte a parte, montando e desmontando romances, novelas e contos, sobretudo os clássicos e consagrados, destacando aquelas obras definitivas —, incluindo **Madame Bovary**, que estabelece a ficção literária como obra de arte. Isso acontece a partir dos meados do século 19, invadindo o século 20 com suas vanguardas e inúmeros movimentos literários, até mesmo no Brasil, quando tivemos o Movimento Modernista, responsável por alterações significativas nas artes brasileiras, com a revelação de um mundo inteiramente novo, com bases nacionais. Ao mesmo tempo surgiu no Nordeste o Regionalismo, criado pelo mestre Gilberto Freyre — conservador e tradicionalista a seu modo, considerando elementos sociológicos e antropológicos, mas sem perder de vista o artesanato e as técnicas, trabalhadas, principalmente, por Graciliano Ramos, mesmo sem devoção a qualquer escola literária específica, sendo, ele próprio, um experimentalista, conforme destacou Otto Maria Carpeaux, em depoimento ao jornalista João Condé, da revista **O Cruzeiro**.

Talvez por isso mesmo, Graciliano se colocou logo como o maior romancista brasileiro daquela época: experimentando novas técnicas e cuidando do artesanato com incrível habilidade. Trabalhava aquilo que se convencionou chamar de estilo como a lavadeira que cuida da roupa lavando-a completamente, em primeiro lugar, depois enxaguando-a, passando água novamente para retirar a possível sujeira, e mais uma vez enxaguando-a, até que a roupa fique inteira e completamente limpa. Isto, na prosa de ficção, se chama artesanato. Primeiro escreve-se uma frase, com toda força do impulso criador, depois vem a intuição quando o escritor observa que algumas palavras precisam sair por excesso. Mais tarde, quando o primeiro parágrafo está escrito, procura a técnica, que lhe indicará o acabamento.

Neste caso, estou falando apenas de palavras e de frases. Há outras partes do romance que precisam ser analisadas separadamente: o diálogo, a cena, o cenário, a digressão, o discurso livre indireto, o monólogo, o solilóquio e todos os outros “elementos internos da ficção, como chamava o próprio Graciliano Ramos, em artigos esparsos que publicou em várias revistas e jornais”.

Aliás, esta é a distinção muito clara que se faz entre Graciliano e Zé Lins do Rego, o primeiro técnico e cuidadoso, enquanto o segundo se devotava ao episódio e à história, descuidando até mesmo da gramática e da estética, ligado profundamente à sociologia e à antropologia, discípulo de Gilberto Freyre, que era.

“Descuidar da gramática”, eis uma expressão interessante na prosa de ficção. Como isso acontece? E quando pode acontecer? No Regionalismo, por exemplo, a fala chamada errada, sobretudo na ficção, significa o registro documental ou sociológico da fala do povo, com o objetivo de fotografar o real, o concreto, o social para estudos, reflexões e análises de estudiosos no campo do comportamento. Mas não é exatamente assim para o Modernismo que usava o erro da fala no coloquial, principalmente, para possibilitar maior plasticidade na linguagem, tirando-a até mesmo da camisa de força da gramática conservadora e tradicional de origem portuguesa. Isso tudo podia ou pode acontecer na narrativa. Tudo isso nos deu, tanto no Regionalismo como no Modernismo, maior liberdade linguística, com uma prosa solta e livre.

No livro **O cheiro da goiaba**, jornalista Plínio Apuleyo Mendonza entrevista longamente Gabriel García Márquez. A certa altura quer saber por que Gabo usa tão poucos diálogos. Ele responde esclarecendo que os diálogos em espanhol não são espontâneos. Aí está a diferença entre os espanhóis e os brasileiros. Nós precisamos criar uma língua para sermos brasileiros, distanciando nossa prosa do português clássico, tradicional, gramatical. Aproveitando, assim, a riqueza da linguagem popular, na expressão de Mário de Andrade.

Trazemos para a prosa ficcional a linguagem popular sem questionamentos. Isso também é técnica. Isso também é artesanato. O uso da linguagem equivocada enriquece a linguagem erudita.

Mesmo assim, podemos destacar que essa técnica não acontece na obra de Graciliano Ramos, mas é usada, com reiteradas repetições na de José Lins do Rego, profundamente documental. Tudo porque Graciliano tem características de renovação linguística sem cópia da realidade; destacando aí o experimentalismo do alagoano. É preciso, portanto, estar atento a estas técnicas que aparentemente, e só aparentemente, não parecem com técnica. Em geral, imagina-se técnica somente aquilo que é sofisticado ou vanguarda. Não é bem assim. Basta observar as características de cada escritor e suas qualidades literárias.

Pode-se acrescentar que até mesmo a espontaneidade de um escritor pode ser uma forte característica técnica ou artesanal como acontece, por exemplo, com Jack Kerouac, o revolucionário da prosa norte-americana ou mundial, a partir dos meados do século passado.

(Jornal Rascunho, maio de 2017)

QUESTÃO 09

O texto **O uso da linguagem equivocada enriquece a linguagem erudita** de Raimundo Carrero, pertence a qual gênero textual?

- a) Artigo de Opinião.
- b) Ensaio.
- c) Reportagem.
- d) Crônica.
- e) Artigo Científico.

QUESTÃO 10

“Trabalhava aquilo que se convencionou chamar de estilo como a lavadeira que cuida da roupa lavando-a completamente, em primeiro lugar, depois enxaguando-a, passando água novamente para retirar a possível sujeira, e mais uma vez enxaguando-a, até que a roupa fique inteira e completamente limpa”. Qual a figura de linguagem predominante no trecho?

- a) Metonímia.
- b) Metáfora.
- c) Sinédoque.
- d) Sinestesia.
- e) Antonomásia.

QUESTÃO 11

Com base no texto, o título **O uso da linguagem equivocada enriquece a linguagem erudita** se justifica por quê?

- a) Os diálogos não serem espontâneos no espanhol e no português.
- b) A linguagem coloquial ser usada com reiteradas repetições nas obras como de José Lins do Rego.
- c) Aos escritores modernistas usarem nas suas produções o erro da fala coloquial.
- d) Por descuido dos escritores com a gramática.
- e) Ao trabalho artesanal do escritor.

QUESTÃO 12

Em qual dos trechos há um erro quanto ao uso do pronome?

- Aliás, esta é a distinção muito clara que se faz entre Graciliano e Zé Lins do Rego, o primeiro técnico e cuidadoso, enquanto o segundo se devotava ao episódio e à história, descuidando até mesmo da gramática e da estética, ligado profundamente à sociologia e à antropologia, discípulo de Gilberto Freyre, que era.
- Isto, na prosa de ficção, se chama artesanato. Primeiro escreve-se uma frase, com toda força do impulso criador, depois vem a intuição quando o escritor observa que algumas palavras precisam sair por excesso.
- Mais tarde, quando o primeiro parágrafo está escrito, procura a técnica, que lhe indicará o acabamento.
- Isso acontece a partir dos meados do século 19, invadindo o século 20 com suas vanguardas e inúmeros movimentos literários, até mesmo no Brasil, quando tivemos o Movimento Modernista (...).
- Aí está a diferença entre os espanhóis e os brasileiros. Nós precisamos criar uma língua para sermos brasileiros, distanciando nossa prosa do português clássico, tradicional, gramatical.

QUESTÃO 13

No âmbito dos gêneros textuais quando ocorre, em um mesmo texto, uma mistura de gêneros, ou seja, uma hibridização ou mescla deles, conceituamos como:

- Tipologias textuais.
- Intertextualidade.
- Heterogeneidade tipológica.
- Composição.
- Intergenericidade.

QUESTÃO 14

Em relação ao uso da regência o erro é encontrado em:

- Raimundo Carrero é um escritor com quem simpatizo.
- Chegou o livro o qual estava ansioso.
- Há coisas que até Deus duvida.
- Ninguém leu o texto a que ele fez referência.
- Você terá de ler muito para ser escritor.

QUESTÃO 15

No tocante à crase qual a alternativa apresenta erro?

- Ela foi à uma cidade próxima.
- À medida que eu lia menos entendia o livro.
- Às vezes finjo não saber das coisas.
- Marcou de entregar o livro para ela a uma e meia da tarde.
- Ela chegou às duas da tarde.



QUESTÃO 16

Com base na tirinha e na charge apresentadas, é **INCORRETO** afirmar:

- Trata-se de gêneros textuais que realizam críticas através do humor.
- Utilizam-se de recursos verbais e não-verbais, mas dependem dos contextos para serem melhor interpretadas.
- Através dos recursos da ironia ou da sátira provocam reflexões críticas.
- Abordam sempre problemas sociais.
- Geralmente, os suportes das suas divulgações são os jornais impressos.



QUESTÃO 17

Na tirinha a coerência é mantida por qual figura de linguagem?

- a) Ironia.
- b) Metáfora.
- c) Metonímia.
- d) Sátira.
- e) Personificação.

QUESTÃO 18

Em relação à coerência textual, marque aquela que corresponde adequadamente.

- a) Meta-Regra da Repetição: Para que um texto seja (microestruturalmente ou macroestruturalmente) coerente, não deve se comportar em seu desenvolvimento linear elementos de estrita recorrência.
- b) Meta-Regra da Relação: Para que um texto seja (microestruturalmente ou macroestruturalmente) coerente, é preciso que os fatos que ele expressa estejam relacionados entre si no mundo representado.
- c) Meta-Regra da Não-Contradição: Para que um texto seja (microestruturalmente ou macroestruturalmente) coerente, às vezes, em seu desenvolvimento não se introduz nenhum elemento semântico que contradiga um conteúdo posto ou pressuposto anteriormente.
- d) Meta-Regra da Progressão: Para que um texto seja (microestruturalmente ou macroestruturalmente) coerente, não pode ser que seu desenvolvimento contenha elementos semânticos constantemente renovados.
- e) Meta-Regra da Coerência: Para que um texto seja (microestruturalmente ou macroestruturalmente) coerente, na maioria das vezes, os fatos não devem ser devidamente relacionados.

QUESTÃO 19

Aponte a alternativa em que há problemas na concordância.

- a) Devemos dizer que o resultado foi satisfatório.
- b) De repente com o forte vento as provas começaram a voar.
- c) Apesar de eles serem muito inteligentes, o resultado da avaliação não foi positivo.
- d) Mais uma vez eles tornam a reclamar do calor.
- e) Eles vão contradizerem tudo o que foi ensinado.

QUESTÃO 20

No uso adequado dos porquês qual a sentença **CORRETA**?

- a) Esse é fácil: é o por que da resposta.
- b) Parou e nem sabe porquê.
- c) São tantos os porques que a gente sofre.
- d) Ele não sabia por que estava errado.
- e) Ele não foi por que?

O rosto da mulher madura entrou na moldura de meus olhos.

De repente, a surpreendo num banco olhando de **soslaio**, aguardando sua vez no balcão. Outras vezes ela passa por mim na rua entre os camelôs. Vezes outras a entrevejo no espelho de uma joalheria. A mulher madura, com seu rosto denso esculpido como o de uma atriz grega, tem qualquer coisa de Melina Mercouri ou de Anouke Aimé. Há uma serenidade nos seus gestos, longe dos desperdícios da adolescência, quando se esbanjam pernas, braços e bocas ruidosamente. A adolescente não sabe ainda os limites de seu corpo e vai florescendo estabanada. É como um nadador principiante, faz muito barulho, joga muita água para os lados. Enfim, desborda. A mulher madura nada no tempo e flui com a serenidade de um peixe. O silêncio em torno de seus gestos tem algo do repouso da garça sobre o lago. Seu olhar sobre os objetos não é de gula ou de **concupiscência**. Seus olhos não violam as coisas, mas as envolvem ternamente. Sabem a distância entre seu corpo e o mundo.

A mulher madura é assim: tem algo de orquídea que brota exclusiva de um tronco, inteira. Não é um canteiro de margaridas jovens tagarelando nas manhãs.

A adolescente, com o brilho de seus cabelos, com essa irradiação que vem dos dentes e dos olhos, nos extasia. Mas a mulher madura tem um som de **adágio** em suas formas. E até no gozo ela soa com a profundidade de um violoncelo e a sutileza de um oboé sobre a campina do leito.

A boca da mulher madura tem uma indizível sabedoria. Ela chorou na madrugada e abriu-se em opaco espanto. Ela conheceu a traição e ela mesma saiu sozinha para se deixar invadir pela dimensão de outros corpos. Por isto as suas mãos são líricas no drama e repõem no seu corpo um aprendizado da macia **paina** de setembro e abril.

O corpo da mulher madura é um corpo que já tem história. Inscrições se fizeram em sua superfície. Seu corpo não é como na adolescência uma pura e agreste possibilidade. Ela conhece seus mecanismos, apalpa suas mensagens, decodifica as ameaças numa intimidade respeitosa.

Sei que falo de uma certa mulher madura localizada numa classe social, e os mais politizados têm que ter condescendência e me entender. A maturidade também vem à mulher pobre, mas vem com tal violência que o verde se perverte e sobre os casebres e corpos tudo se reveste de uma marrom tristeza.

Na verdade, talvez a mulher madura não se saiba assim inteira ante seu olho interior. Talvez a sua aura se inscreva melhor no olho exterior, que a maturidade é também algo que o outro nos confere, complementarmente. Maturidade é essa coisa dupla: um jogo de espelhos revelador.

Cada idade tem seu esplendor. É um equívoco pensá-lo apenas como um relâmpago de juventude, um brilho de raquetes e pernas sobre as praias do tempo. Cada idade tem seu brilho e é preciso que cada um descubra o fulgor do próprio corpo.

A mulher madura está pronta para algo definitivo.

Merece, por exemplo, sentar-se naquela praça de Siena à tarde acompanhando com o complacente olhar o voo das andorinhas e as crianças a brincar. A mulher madura tem esse ar de que, enfim, está pronta para ir à Grécia. Descolou-se da superfície das coisas. Merece profundidades. Por isto, pode-se dizer que a mulher madura não ostenta joias. As joias brotaram de seu tronco, incorporaram-se naturalmente ao seu rosto, como se fossem prendas do tempo.

A mulher madura é um ser luminoso é repousante às quatro horas da tarde, quando as sereias se banham e saem discretamente perfumadas com seus filhos pelos parques do dia. Pena que seu marido não note, perdido que está nos escritórios e mesquinhas ações nos múltiplos mercados dos gestos. Ele não sabe, mas deveria voltar para casa tão maduro quanto Yves Montand e Paul Newman, quando nos seus filmes.

Sobretudo, o primeiro namorado ou o primeiro marido não sabem o que perderam em não esperá-la madurar. Ali está uma mulher madura, mais que nunca pronta para quem a souber amar.

QUESTÃO 21

No trecho “Cada idade tem seu brilho e é preciso que cada um descubra o fulgor do próprio corpo”. Descobrir o fulgor do próprio corpo no texto significa:

- Os limites físicos de cada um.
- A parte mais atraente do corpo.
- O frescor da juventude eterna.
- As possibilidades em cada tempo do corpo.
- Exibir-se enquanto se é jovem.

QUESTÃO 22

Indique a alternativa em que as palavras destacadas no texto não irão alterar o sentido das frases.

Soslaio – Concupiscência – adágio – paina

- a) Triste, lascívia, princípio, fibras sedosas.
- b) Obliquamente, volúpia, axioma, fibras ásperas.
- c) Viés, luxúria, conceito, fibras sedosas.
- d) Saudade, avidez, aforismo, fibras transparentes.
- e) Atravessado, anseio, exemplo, fibras ásperas.

QUESTÃO 23

Marque a letra em que a sequência das palavras são formadas por composição por aglutinação, derivação parassintética e derivação regressiva, respectivamente.

- a) Pombo-correio, automóvel, relâmpago.
- b) Planalto, entristecer, combate.
- c) Sociologia, girassol, deslealdade.
- d) Girassol, emudecer, pseudônimo.
- e) Aguardente, ajuste, amostrar.

QUESTÃO 24

Leia os seguintes fragmentos do texto **A Mulher Madura**.

- I. É como um nadador principiante, faz muito barulho, joga muita água para os lados.
- II. A mulher madura nada no tempo e flui com a serenidade de um peixe.
- III. Seus olhos não violam as coisas, mas as envolvem ternamente. Sabem a distância entre seu corpo e o mundo.

Nos trechos as orações podem ser classificadas:

- a) Assindética – sindética adversativa – sindética conclusiva.
- b) Sindética aditiva – sindética aditiva – sindética conclusiva.
- c) Sindética adversativa – sindética aditiva – sindética adversativa.
- d) Assindética – sindética aditiva – sindética adversativa.
- e) Sindética conclusiva – sindética adversativa – sindética adversativa.

QUESTÃO 25

Leia a seguinte passagem:

“Sobretudo, o primeiro namorado ou o primeiro marido não sabem o que perderam em não esperá-la **madurar**. Ali está uma mulher madura, mais que nunca pronta para quem a souber amar”.

Diante da expressão destacada, a única que não corresponde ao seu sentido é:

- a) Crescer
- b) Desenvolver.
- c) Amadurecer.
- d) Ter mais experiência.
- e) Ser sábia.

QUESTÃO 26

Nas orações: Esperei ela madurar e Necessita-se de paciência. Temos, respectivamente, sujeito:

- a) indeterminado e indeterminado.
- b) simples e simples.
- c) indeterminado e inexistente.
- d) simples e inexistente.
- e) oculto e indeterminado.

QUESTÃO 27

Identifique a alternativa em que ocorre um pleonasmo vicioso:

- a) A batida foi de frente.
- b) Para abrir a embalagem, levante a alavanca para cima.
- c) A casa, já não há quem a limpe.
- d) Estaremos sempre a fazer planos para o futuro.
- e) Ouvi com meus próprios ouvidos.

QUESTÃO 28

Assinale a opção em que a supressão das vírgulas alteraria o sentido do anunciado:

- a) Há uma serenidade nos seus gestos, longe dos desperdícios da adolescência, quando se esbanjam pernas, braços e bocas ruidosamente.
- b) A adolescente, com o brilho de seus cabelos, com essa irradiação que vem dos dentes e dos olhos, nos extasia.
- c) As mulheres maduras e experientes merecem, por exemplo, sentarem-se naquela praça de Siena à tarde acompanhando com os complacentes olhares o voo das andorinhas e as crianças a brincarem.
- d) Algumas mulheres maduras, que se encontram comprometidos com as culturas dos países desenvolvidos, acabam se tornando menos criativos; Ela conhece seus mecanismos, apalpa suas mensagens, decodifica as ameaças numa intimidade respeitosa
- e) As joias brotaram de seu tronco, incorporaram-se naturalmente ao seu rosto, como se fossem prendas do tempo.

QUESTÃO 29

Marque onde **NÃO** ocorre um erro ortográfico?

- a) Contra-acusação, hiperácido, hiperespaço.
- b) Infra-estrutura, pretensioso, minisubmarino.
- c) Contra-indicação, hesitar, contraespionagem.
- d) Conciencioso, estrupar, infravermelho.
- e) Sub-humano, sub-região, sub-humano

QUESTÃO 30

Todas as orações têm classificação predicado verbo-nominal, **EXCETO**.

- a) As mulheres de hoje optam por uma vida independente
- b) A chuva caía fina.
- c) Ela chegou cansada.
- d) Compareceram atrasados à reunião.
- e) A mulher abriu o pacote, surpresa.

QUESTÃO 31

Classifique a conjunção, depois assinale a alternativa que apresenta a sequência **CORRETA**.

- | | |
|--|--|
| A- Conjunção subordinativa integrante | () Seu caminhar era mais lento que das outras vezes |
| B- Conjunção subordinativa comparativa | () Desconfiava de que a esposa o traía. |
| C- Conjunção coordenativa explicativa | () Lia tanto que os seus olhos ardiam. |
| D- Conjunção subordinativa consecutiva | () Não deixe a tristeza vencer-te, que a jornada da vida é longa. |

- a) A, B, C, D.
- b) D, C, A, B.
- c) B, A, D, C.
- d) C, D, B, A.
- e) D, C, B, A.

QUESTÃO 32

“Mas que coisa é essa que me persegue?”

Os termos destacados podemos classificar como:

- a) Pronome adjetivo; pronome adjetivo.
- b) Pronome substantivo; pronome relativo.
- c) Pronome substantivo; pronome adjetivo.
- d) Pronome adjetivo; pronome relativo.
- e) Pronome relativo; pronome adjetivo.

QUESTÃO 33

Quem escreverá a história do que poderia ter sido o irreparável do meu passado; Este é o cadáver. Se a certa altura eu tivesse me voltado para a esquerda, ao invés que para direita; Se em certo momento eu tivesse dito não, ao invés que sim; Se em certas conversas eu tivesse dito as frases que só hoje elaboro; Seria outro hoje, e talvez o universo inteiro seria insensivelmente levado a ser outro também."

Fernando Pessoa

A classificação dos tempos verbais destacadas é:

- a) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo; pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo; futuro do presente do subjuntivo; futuro do pretérito do indicativo.
- b) Futuro do presente do indicativo; pretérito perfeito do subjuntivo; pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo; futuro do pretérito do indicativo.
- c) Futuro do presente do subjuntivo; pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo; pretérito perfeito do indicativo; futuro do pretérito do indicativo.
- d) Futuro do pretérito do indicativo; pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo; pretérito perfeito do subjuntivo; futuro do presente do indicativo.
- e) Futuro do presente do indicativo; pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo; pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo; futuro do pretérito do indicativo.

(Fragmentos da obra) **Vidas Secas de Graciliano Ramos**

A fome faz o homem procurar caminhos nunca andados. O que importa! Ele vai por aí sem saber para aonde. Sabe de onde veio, mas não sabe para aonde vai. O que importa? Ele vai por aí! Todos os caminhos o levam para lugar nenhum. Ele sabe que é macho. Cabra da peste e que vive no agreste, mas é um nordestino sem destino. Seu destino é enfrentar a seca terrível do sertão. Ele nasceu e passou pela roleta da vida. O que fez? – Montou animal brabo. Curou bicheira. Laçou garrotes rebeldes na caatinga sem se cegar. Bebeu água salobra engrossada por barro. Sua vida foi marcada por feridas doídas. Feridas invisíveis, mas que doíam. Vida sem graça vida sofrida. Apesar de tudo foi cabra macho. Dormiu no jirau sem saber para aonde ir. Ele vive em um mundo e só não entende porque é assim tão diferente. Ele se pergunta: que bicho eu sou, assim tão diferente? Ele não entende porque é assim tão diferente. Ele vive num mundo dos iguais, mas ele é diferente. Diferente? Por que tudo é diferente? Ele vê a seca, o mato que deveria ser verde tudo queimado. Os rios ao invés de água tem areia quente em seu leito. Suas nascentes mortas consumidas. Isso tudo é diferente. Por que eles haveriam de ser gente? A seca é que faz a vida assim. O silêncio também é uma sabedoria. Assim em seu silêncio Fabiano pensava. Se chover, tudo se proverá. Ali calado na sua mais profunda melancolia suspirou e devaneou. Sonhou com a chuva, os pastos verdes, os meninos correndo atrás das cabras. Sonhou com Sinha Vitória dormindo numa cama, uma cama melhor do que a do senhor Tomás da bolandeira. Choveu. O patrão, o todo poderoso, permitiu que a família de Fabiano tivesse a oportunidade de se instalar na fazenda em troca do trabalho. O sertão brotou. O gado engordou e multiplicou-se. A cada quatro um era seu. Seu na palavra, não na verdade. O fazendeiro era corrupto e ladrão. Pagava pouco por muito trabalho e ainda cobrava juros das despesas antecipadas. Nem os cálculos rudimentares de Sinha Vitória serviram de argumentos para convencer o patrão do erro na conta. O resultado foi o convite de procurar outro lugar para trabalhar. Para aonde eu vou se todos os lugares são iguais? –

pensou Fabiano. Pensou se desculpou e ficou. “Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia”. Perdeu no jogo. Foi preso. Discriminações, provocações, humilhações! Podia bater. Furar o homem do governo, mas governo é governo. Não brigou e com razão. Se fosse gente saberia falar e não teria o litígio, mas não falou. Respeitou e obedeceu a autoridade do amarelo. Não entendeu. Pra se ir embora é preciso pedir licença? A aridez não pedia licença. Entrava nas vidas com soberania. Mas o amarelo não teve compaixão. Prendeu e surrou. O poder continuou a diminuir o sertanejo. Desta vez foi o fiscal da prefeitura que exigiu pagamento de impostos. Impostos sobre o que? Sobre o produto de sua criação. – Quartos de carne de porco vendido de porta em porta lhe era cobrado impostos. Vencido pela autoridade do fiscal recua-se. Ah se soubesse falar! Convenceria o fiscal. Mas aquilo não era porco que vendia. Era carne. Melhor comê-la. A chuva trouxe esperança e alegria. Momento de uma interação social da família de Fabiano. A festa religiosa. De roupas novas. Assim se apresentaram. Não eram diferentes ou eram? Eram do agreste. Nada a ver com o estilo da vida das pessoas da cidade. Paletó, gravata, sapatos. Sapatos de salto altos nos pés de (...) não era nada indicado para quem se assemelhava a um animal. A apresentação neste estilo era tudo em nome da fé. Nem mesmo esta fé os impediam de se sentirem diferentes. Fabiano reconhece a extensão de suas dificuldades. O sertão seco, o patrão, o soldado e o agente da prefeitura. Tudo era contra ele. – O que sou não sei, sei o que não sou. Amor aqui está distante ou não existe. Diante da desgraça do homem sertanejo exilado do mundo social, alimentado por desejos e não sonho, ele deixa de ser. Não é possível sonhar onde a miséria não permite isso. Sinha Vitória sonha pequeno. Sonha em ter uma cama com correias de couro. Onde ele está e para aonde ele vai? – Vai por aí, pois todos os caminhos o levam a lugar nenhum.

QUESTÃO 34

A expressão “Todos os caminhos o levam para lugar nenhum” é devido, segundo o texto:

- a) Por ele ser macho.
- b) Porque por onde andar a sua vida estará sempre marcada pela miséria e exploração.
- c) Devido o sertão ser um espaço de diversos caminhos.
- d) Porque sua vida é marcada pelo sofrimento.
- e) Como ele é vaqueiro sertanejo não tem como ficar em um mesmo lugar por muito tempo.

QUESTÃO 35

“Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia”. Perdeu no jogo. Foi preso. Discriminações, provocações, humilhações! Podia bater. Furar o homem do governo, mas governo é governo. Não brigou e com razão. Se fosse gente saberia falar e não teria o litígio, mas não falou. Respeitou e obedeceu a autoridade do amarelo. Não entendeu. Pra se ir embora é preciso pedir licença? A aridez não pedia licença. Entrava nas vidas com soberania. Mas o amarelo não teve compaixão. Prendeu e surrou.

Marque a alternativa que expressa o sentido **do não saber falar de Fabiano**.

- a) Das dificuldades diante da complexa língua portuguesa.
- b) Por não ter tido escolaridade.
- c) Porque não sabia se impor no mundo.
- d) Porque só sabia obedecer.
- e) Por preferir sempre se manter longe de confusões.

QUESTÃO 36

Aponte onde ocorre o uso **INCORRETO** do pronome.

- a) O homem, cujo filho é marcado pelo sofrimento, vem do sertão.
- b) Graciliano Ramos, cujos livros abordam o sertão, é um dos maiores escritores brasileiros.
- c) Fabiano recebeu aplausos do público perante o qual falou na semana passada.
- d) Graciliano fixou-se no pensamento onde o escritor destacou a decadência política.
- e) Os escritores neorregionalistas diante dos quais me manifestei chegaram ontem.

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

Carlos Drummond de Andrade
In *Alguma Poesia*

QUESTÃO 37

Em qual dos versos acontece à licença poética, ou seja, gramaticalmente não é aceita a construção?

- a) Todos os versos são gramaticalmente aceitos.
- b) Nunca me esquecerei desse acontecimento
- c) na vida de minhas retinas tão fatigadas.
- d) Nunca me esquecerei que no meio do caminho
- e) tinha uma pedra no meio do caminho

QUESTÃO 38

Diante da leitura do texto **No meio do caminho** podemos destacar que ele apresenta, exceto:

- a) Faz uma crítica social através da ironia.
- b) Utiliza-se de metáforas para representar possíveis dificuldades da vida que todo sujeito poderá passar.
- c) Faz uso de uma linguagem simples, fácil, próxima da expressão oral.
- d) É marcado por ritmos e imagens.
- e) Possibilita uma multiplicidade de sentidos e interpretações.

QUESTÃO 39

Na oração “O sujeito foi atingido por uma grande pedra da vida”, a locução por uma grande pedra tem a função de:

- a) Objeto indireto.
- b) Adjunto adverbial.
- c) Complemento nominal.
- d) Agente da passiva.
- e) Adjunto adnominal.

QUESTÃO 40

Em um texto de exposição das ideias argumentativas os elementos de composição abaixo são essenciais, exceto:

- a) Conteúdo com ideias selecionada e devidamente ordenadas.
- b) Estrutura do texto com os devidos parágrafos de introdução, desenvolvimento e conclusão.
- c) Construção de um texto objetivo com ideias claras.
- d) Utilização da linguagem de nível padrão.
- e) Utilização do raciocínio dedutivo e indutivo buscando a neutralidade.